



O senso religioso na era digital: a nova ambiência da fé

The religious sense in the digital era: the new ambience of faith

Leomar Antônio Brustolin*

Resumo

O artigo aborda a experiência religiosa contemporânea influenciada pelas novas mídias. Parte da reflexão sobre as mudanças culturais que ocorreram nas últimas décadas e acabaram incidindo diretamente sobre o comportamento religioso. O novo cenário é abordado especialmente a partir da popularização da internet, que possibilitou uma nova ambiência religiosa. As novas formas de interatividade atingem a relação do humano com o divino. Não se trata apenas de novas linguagens, mas de diferentes percepções do sagrado acessível pelas redes. Dentre as inovações está a desintermediação, que dispensa mediadores na relação do humano com o transcendente. Prescinde-se de templos, lugares, tempos, líderes e normas que condicionem ou determinem a aproximação do fiel com a divindade. O estudo aborda especialmente as consequências dessa autonomia para a vivência comunitária da fé cristã, o sentido de pertença eclesial e os vínculos de solidariedade que sofrem mutações consideráveis. O fenômeno é avaliado a partir da Teologia do Concílio Vaticano II, procurando valorizar o diálogo da fé cristã com essa nova ambiência e, ao mesmo tempo, sustentando a singularidade do Cristianismo, enquanto religião do encontro, da proximidade e da misericórdia.

Palavras-chave: Religião. Internet. Concílio Vaticano II. Cristianismo.

Abstract

The article discusses how the contemporary religious experience has changed because of the new media. Part of the cultural changes that have taken place in recent decades end up directly impacting on religious behavior. The new scenario is especially seen from the popularization of the Internet, which has created a new religious ambience. The new forms of interactivity are reaching the human relationship with the divine. It is not just about new ways of interaction, but about the different sacred perceptions that are accessible from the web. Among innovations is the disintermediation, which does not require mediators in the human relation with the transcendent. Temples, places, times, leaders and rules determining the way the faithful approach divinity are no longer necessary. The study specifically addresses the consequences of such autonomy for the community life of the Christian faith, the sense of ecclesial belonging and the bonds of solidarity, which undergo considerable changes. The phenomenon is assessed from the Second Vatican Council theology, seeking to value the Christian faith dialogue within this new environment, while maintaining the uniqueness of Christianity as a religion of the encounter, proximity and mercy. Keywords: religion. internet, II Vatican Council. Christianity.

Keywords: Religion. Internet, Second Vatican Council. Christianity.

Artigo recebido em 14 de janeiro de 2016 e aprovado em 17 de maio de 2016.

* Doutor em Teologia - Pontificia Università San Tommaso - Roma Itália (2000). Atualmente é professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e coordenador do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Teologia (PUCRS). País de origem: Brasil. E-mail: leomar.brustolin@puccrs.br

Introdução

Abordar o tema da religião nas novas mídias implica fazer algumas precisões preliminares para restringir a temática em dimensões aceitáveis e coerentes com o objetivo deste texto. Pretende-se verificar a relação entre religião e as novas mídias. Consideram-se novas mídias aquelas que emergiram após as mídias modernas de massa: o cinema, o rádio e a televisão. O atual modelo comunicacional, especialmente com a internet, possibilita maior interatividade, comunicação dialógica não presencial e superação das barreiras de tempo e espaço. É a era digital, que segundo Massimo di Felice, provocou “uma revolução comunicativa que alterou, pela primeira vez na história da humanidade, a própria arquitetura do processo informativo” (FELICE, 2008, p.21). Essa transformação atingiu o senso religioso contemporâneo.

Este artigo não analisa a função religiosa das redes na atual sociedade, mas ocupa-se do modo como a comunicação digital acolhe, ressignifica e transfere conteúdos que tradicionalmente são da esfera religiosa. A priori assume-se a hipótese de que a expressão religiosa, ao entrar no universo midiático, se expõe a um processo de significativa mutação (BOURLLOT, 2009, p.914). A revolução comunicativa que a era digital comporta, impactou sobre a relação do ser humano com a divindade e a rede permite inéditas formas de expressão da religiosidade.

A pesquisa procura verificar o quanto essa exposição influencia as mudanças no comportamento religioso do fiel contemporâneo. É importante sublinhar que se considera prevalentemente, mas não exclusivamente, o universo religioso de matriz católica. Este é um tema de grande extensão e complexidade, no qual três aspectos estão imbricados: a religião, a mídia digital, e o olhar teológico sobre o fenômeno. Estão envolvidas tradições, ritos e símbolos, que adquirem sempre novos significados diante da incrível possibilidade do ser humano não de só produzir constantemente comunicação, mas também estabelecer novas formas de relação com as pessoas e o sagrado.

Para fazer a interface entre comunicação e religião, considere-se que, em toda comunicação, quem fala sabe o quê e como dizer, somente se souber o quê e como compreender quem escuta. A mentalidade, a situação, a cultura e os interesses do interlocutor são o contexto no qual a comunicação é acolhida. Ora, um novo contexto oferece novos significados que antes não existiam ou estavam escondidos. Este texto posiciona-se para além do aspecto sociológico do novo contexto, pois já existem importantes e numerosos estudos sobre o tema. Nesta reflexão persegue-se uma leitura mais cultural, especificamente teológico-pastoral, da situação analisada. O desafio a ser afrontado se concentra sobre o impacto das novas mídias procurando fazer uma leitura do fenômeno no confronto com a teologia do Concílio Vaticano II.

A Igreja Católica sempre teve estreito relacionamento com a comunicação. Ao longo de sua história, assumiu diversas estratégias de comunicação de acordo com as exigências de cada época, procurando acompanhar as reflexões que emergiam das preocupações pastorais. Uma atenção mais orgânica e sistemática com os meios de comunicação nasce com força a partir do Concílio Vaticano II. (VIGANÓ, 2008, p. 10). A publicação do Decreto *Inter Mirífica* (IM) levantou, pela primeira vez na história, uma discussão sobre os meios de comunicação em uma aula conciliar. O documento revelou a postura favorável da Igreja em relação às novas mídias de então: “[...] esses meios, se retamente empregados, oferecem valioso auxílio ao gênero humano”. Contudo, revela atitude cautelosa, pois a Igreja “sente maternal angústia pelos danos que, com o mau uso deles, se têm infligido, com demasiada frequência, à sociedade humana.” (IM, n. 2).

Na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS), reconhece-se que os meios de comunicação permitem e influenciam no modo de pensar e agir das pessoas, provocando nelas reações diversas e profundas (GS, n.6). Também o Decreto *Ad Gentes* (AG), ao referir-se à missão, exorta à utilização dos instrumentos e técnicas da comunicação (AG, n.26). Enfim, uma leitura transversal dos documentos do Concílio, na perspectiva da *Gaudium et Spes*, permite conhecer os acontecimentos

e contemplar a realidade histórica numa constante abertura ao diálogo. Nesse sentido, destaca-se a categoria: “sinais dos tempos”, como ferramenta atual para avaliar a experiência de sentido, a ética e a pertença comunitária da fé vivida em ambiente digital. A expressão “sinais dos tempos” (BRUSTOLIN, 2012),¹ estimula o ser humano a voltar-se aos acontecimentos históricos e a interpretá-los. Assim, os eventos históricos não são considerados ocasiões apenas para lamentações ou sucessos, mas são entendidos como oportunidades para que o ser humano possa interpelar sua imaginação, sua razão e sua fé. No cruzamento dos dados, pretende-se perceber oportunidades e limites para o senso religioso vivido por homens e mulheres marcados por essa nova ambiência.

1 Novos “sinais” comunicativos e religiosos

A era digital situa-se no contexto da crise da modernidade que colocou sob suspeita a razão emancipada. O racionalismo moderno entrou em crise e o que lhe sucedeu? As respostas têm diversas perspectivas e nem sempre são confluentes. A Filosofia reflete sobre a era da hipermodernidade, do pós-moralismo e da sociedade da decepção, conforme as categorias definidas por Lipovetsky (1989), bem como a teoria da complexidade de Morin (1990). Na Sociologia, emergem concepções como a modernidade líquida, de Bauman (1997), e a ideia de sociedade em rede, de Castells (1999).

O certo é que todos constatam como nas últimas décadas ocorreram transformações profundas no mundo e na própria forma de perceber a realidade. A *Gaudium et Spes* alertara sobre as mudanças rápidas e profundas que repercutem na vida humana. “Já podemos falar então de uma verdadeira transformação social e cultural, que repercute na própria vida religiosa.” (GS n. 7) Ou seja, as mudanças não são apenas externas, mas estão refazendo as noções de ser humano e de

¹ A categoria “sinais dos tempos” entrou no texto do Concílio Vaticano II como herança da *Pacem in Terris*, que incitou os cristãos a encontrarem na história e no mundo os lugares positivos e as ocasiões favoráveis nas quais se manifestava, com sinais especiais, a presença ativa da graça de Deus (BRUSTOLIN, 2012).

relações sociais portadoras de novas ideias de salvação, com inovações no senso de pertencimento religioso. Nesse sentido o teólogo italiano Antônio Spadaro, estudioso da ciberteologia², ao abordar a relação do cristianismo com a nova mídia, indaga afirmando: “se a rede transforma nosso modo de viver e de pensar, não mudará (e já está mudando) também o nosso modo de pensar e viver a fé?” (SPADARO, 2012, p. 7).

Para analisar essa influência das novas mídias sobre a vivência da fé cristã, é possível encontrar, segundo Gallagher, no mínimo, duas interpretações. Para alguns a contemporaneidade feriu três aspectos vitais da identidade religiosa: a imaginação, a memória e o sentido de pertença. (GALLAGER, 2014, p. 34). A imaginação pode ser reduzida à superficialidade, a memória pode ser engolida pelo imediatismo e alienada num presente a-histórico, e o sentido de pertença atropela a comunidade com o ritmo frenético da vida cotidiana. As pessoas estão cada vez mais conectadas e com menos tempo para silenciar, refletir e discernir atitudes sobre a própria vida. Quando o desejo se torna cego e o afeto perde os termos de compromisso, até mesmo a religião pode reduzir-se à mera atenção ao *ego*, segundo a lógica de mercado que seduz para consumir.

Por outro lado, há quem faça uma leitura mais positiva da situação. Entende-se que o atual contexto induz a uma nova e sadia abertura religiosa. Trata-se de perceber a frustração que veio com a ideia de progresso e debilidade da racionalidade exagerada. Há necessidade de uma maior conexão com as pessoas e com Deus, numa revalorização do ser comunitário.

Acertadamente, é preciso superar a posição contra a cultura atual e a tentativa de batalhar para que ela mude. Igualmente, não é possível fechar os olhos e virar as costas diante dos riscos que essa nova situação representa para a ética. Ao teólogo impõe-se que ele saiba discernir “os acontecimentos, nas exigências e nas

² O escritor jesuíta dedica-se a pesquisar relacionando a cultura contemporânea e ensaios sobre a internet. Sua importante obra, publicando no Brasil é **Ciberteologia: pensar o Cristianismo nos tempos da rede**. São Paulo: Paulinas, 2012.

aspirações de nossos tempos [...], quais sejam os sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus”. (GS, n. 11).

Para fazer o discernimento desses “sinais” referidos pelo Concílio, é preciso considerar alguns elementos importantes que caracterizam a vida humana atual: a realidade do pluralismo cultural, o sentido de participação, o fenômeno da globalização e o desafio da secularidade. Sabemos que a modernidade promoveu a liberdade de escolha dentre as múltiplas ofertas nas diversas áreas da vida humana. A pluralidade tende a reagir contra pretensões totalitárias e fundamentalistas. Entende-se que, assim, se é mais democrático e se promove uma sociedade mais aberta e livre. Nesse cenário, os novos meios de comunicação ampliaram o acesso à informação e o direito de escolha da população, especialmente se for considerado o conceito de interatividade, que é determinante na comunicação digital contemporânea.

Atualmente, culturas e religiões diversas convivem no mesmo território e até na mesma pessoa. Nunca o ser humano teve tanto acesso ao conhecimento e contato com tradições diferentes que se relacionam com o sagrado. O que antes era recebido apenas pela via da tradição oral ou de testemunhos escritos, agora é possível mediante a relação direta e interativa que se realiza com líderes e membros das mais diversas ofertas religiosas do mundo. Os instrumentos técnicos da comunicação atual oportunizam que as pessoas experimentem sempre e cada vez mais novas propostas religiosas. Algumas até nascem e só existem no meio eletrônico. É caso das experiências de *online religion*, cujo espaço de criatividade e imaginação é livre em cada fiel que acaba construindo seu próprio sistema religioso na rede. (PACE, 2013, p. 42).

Embora seja desconcertante, o pluralismo tem sentido. É importante destacar que o Concílio Vaticano II reconheceu e valorizou a pluralidade de opiniões e de estilos de vida da cultura moderna. A Constituição Pastoral GS manifestou-se favorável à pluralidade de culturas democráticas, ao pluralismo das

convicções religiosas e ao pluralismo cultural. Especialmente a Declaração *Nostra Aetate* (NA) apresentou uma postura importante ao se posicionar “como contrária à vontade de Cristo, qualquer espécie de discriminação entre os homens ou de perseguição perpetrada por motivos de raça ou de cor, de condição social ou de religião”. (NA, n. 5).

Outro “sinal” produzido pelas novas mídias é a participação. Esta é uma palavra-chave na teoria política moderna, a tal ponto que aquilo que interessa a todos deve ser debatido e decidido por todos. Da mesma forma, quem entra nas redes sociais quer opinar, curtir e compartilhar. A participação é condição necessária para uma vida social mais humana. Nesse sentido, nunca o ser humano e todos os seres humanos puderam participar tanto da vida social quanto da mundial como hoje, graças às novas tecnologias comunicativas. Essa participação entra no universo religioso, a tal ponto que existem verdadeiras comunidades religiosas midiáticas, com comunicação entre os pares, com partilha de experiências significativas. (PACE, 2013, p. 22). *Participatio* é também uma categoria importante do Concílio Vaticano II, de tal modo que todos os textos conciliares compreendem o valor do envolvimento e do protagonismo de todo fiel católico na vida da Igreja. A Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium* (SC) propôs uma *actuosa participatio* (SC, n. 14) [ativa participação] na liturgia e a GS defende que “todos os cidadãos tenham a possibilidade efetiva de participar livre e ativamente, dum modo cada vez mais perfeito e sem qualquer discriminação”. (GS, n. 75). No culto a Deus e na vivência do cotidiano, o católico foi convocado a envolver-se, a tomar parte, a participar da experiência eclesial e social.

Considera-se outro “sinal” a globalização, tida como resultado de diversos processos que se desenvolveram nas últimas décadas, especialmente na Economia, na Política, na Cultura e na Comunicação. Com as novas tecnologias da comunicação, esse processo foi acelerado pelo surgimento de uma rede global de estruturas e processos comunicativos. Na sociedade global, a internet seria como uma nova esfera pública. A globalização da internet modifica o significado de

distância geográfica e facilita o acesso a informações e conhecimentos numa velocidade impensável num passado recente. (PACE, 2013, p, 20). O Concílio Vaticano II colocou a Igreja consciente do fenômeno da globalização. Desde o evento conciliar, a Igreja começa a se entender de forma mais planetária, começa a voltar seu olhar para outros continentes além do europeu e percebe a pluralidade de possibilidades pastorais e de evangelização que as diferentes culturas desenvolveram ao redor do mundo.

Finalmente, considera-se o “sinal” da secularidade. Para quem defende o laicismo e o ateísmo, a secularidade é entendida como uma vida social e individual pautada sem Deus. Nesse contexto, a religião deveria ser banida do espaço público. A fé é defendida como a possibilidade de fazer escolhas de vida entre muitas outras. Defende-se um humanismo imanente, privando o ser humano de sua capacidade de transcendência, marginalizando a religião. Para o secularismo, o cosmos perdeu seu encantamento e não há razão para buscar a plenitude de sentido na vida. Essa é a postura defendida, por exemplo, por Taylor (2007) na sua obra *A secular age*.

Diferentemente de Taylor, se encontra a posição de Habermas (2012, p. 308-327) que prefere denominar a atual sociedade de “pós-secular”. A expressão indica a necessidade de a sociedade moderna fazer um balanço diante da persistência de comunidades religiosas em um ambiente sempre mais secularizado. Afinal, na sociedade moderna, com todos os seus avanços, não desapareceu a religião, nem ocorreu a perda do seu significado para a vida das pessoas a ponto de ser banida da sociedade e perder a relevância pública. Mais: com as novas tecnologias, que ampliaram as possibilidades comunicativas do ser humano moderno, a expressão religiosa também sofreu mudanças e aumentou sua presença nas redes sociais. Em síntese, a sociedade “pós-secular” é uma definição para designar como crentes e não crentes convivem, atualmente, um ao lado do outro, e como devem entender-se entre si. Afinal, as comunidades religiosas dispõem de recursos comunicativos que a sociedade moderna não pode desprezar, nem manipular ou ignorar.

Em última análise, os sinais dos tempos da religiosidade digital são marcados por experiências plurais que podem ser valorizadas ou desprezadas. Essa ambivalência depende muito do que o internauta procura na rede. Esta tanto pode potencializar a abertura, solidariedade e encontro entre as pessoas, quanto pode isolar, apequenar e distorcer o sentido do encontro com o sagrado. Ao lado das crenças mais ou menos institucionais que já existem há séculos, ou no caso do Cristianismo, há milênios, criam-se outros sistemas que, algumas vezes, têm vida apenas *online* e são reflexos de uma diferenciação do próprio ambiente religioso contemporâneo. Pela internet, circulam informações sobre tradições esotéricas, gnósticas e mágicas, que muitos pensavam ter desaparecido com a racionalidade moderna. O que se constata é o fato de que as novas mídias intensificaram a oferta religiosa que promete salvação e bem-estar. Nesse espaço, é possível intercambiar bens invisíveis com regime de livre-concorrência.

2 A ambiência digital da fé

Percebe-se que ocorreu uma relevante mudança sociocultural e antropológica a partir do momento em que a internet ofereceu um espaço criativo e interativo para uma vasta, ou pequena plateia de internautas, que passa a construir a religião de acordo com suas preferências e necessidades pessoais. Não se trata de mera mudança cultural, pois o próprio ser humano, como produtor de sua comunicação, começa, também, a interagir e construir seu senso religioso sem intermediações. Conforme Pierre Lévy, a mediação digital altera certas atividades cognitivas fundamentais que envolvem a linguagem, a sensibilidade, o conhecimento e a imaginação inventiva. Ele menciona as novas configurações sociais que as novas mídias possibilitam: a escrita, a leitura, a escuta, o jogo e a música entre outros. (LÉVY, 1998, p.17) Embora Lévy não mencione, também o fenômeno religioso é influenciado por essa nova ambiência.

As novas mídias criam uma comunidade de comunicadores, potencialmente ampla e sem limites; sem diferença de língua, cor e cultura, modificam o

significado da distância geográfica. (PACE, 2013, n.21) Igualmente facilitam a acumulação de conhecimentos e de informações sem comparação com o passado recente. A comunicação mediada pelo computador não está alterando apenas o modo de narrar Deus na contemporaneidade, mas a própria experiência religiosa de homens e mulheres deste tempo.

Na Sociologia da Religião, se distingue religião de religiosidade. Esta última indica o conjunto de comportamentos práticos de um fiel para atender às necessidades pessoais. Nem sempre a religiosidade está diretamente ligada à religião, embora o fiel recolha dela símbolos, ritos e crenças. O que caracteriza a religiosidade é mais a centralidade do ser humano que enfrenta perguntas e dificuldades na vida. Nesse caso, a pessoa não está tão preocupada com a divindade, o grupo religioso, as normas, os dogmas e nem com o sentimento de pertença. Ela quer que a prática religiosa atenda às suas múltiplas demandas.

Já a religião supõe que a pessoa tenha adesão a um conjunto estabelecido de crenças, acolha princípios fundamentais para interpretar a realidade e se relacionar com o sagrado, estabeleça um vínculo de pertença com aqueles que compartilham a mesma fé e pautem sua vida por esse ideal. Exige conversão, mudança de vida, adequação do “eu creio” ao “nós cremos” de determinado grupo religioso. O centro, nesse caso, está na divindade ou no que ela promete. O grupo, com seus ensinamentos, tradições, símbolos e ritos, emite identidade a quem professa uma religião.

A sociedade contemporânea tende, cada vez mais, a exaltar a religiosidade nas redes sociais. Com a emergência da subjetividade, o gosto pela liberdade individual e a tendência ao imediatismo, dificilmente uma religião historicamente instituída será preferida por quem deseja apenas a paz interior ou resolver seus problemas imediatos. Com as novas tecnologias da informação popularizadas, reconhece-se uma presença significativa e uma vitalidade surpreendente da linguagem religiosa nessa ambiência. (BOURLLOT, 2009, p.912).

Essa interferência do discurso religioso nas mídias afeta, por sua vez, o próprio universo religioso. Afinal, os meios de comunicação atuam como agentes sociais e têm a capacidade de reforçar ou romper convicções difusas, fornecer modelos inspiradores e fazer emergir aspirações reprimidas. (CASSETTI,1993, p.319). A presença religiosa na era digital, portanto, facilita o acesso aos mais diversos saberes sagrados, a partilha de experiências místicas variadas, à troca de informações em âmbito global. Por outro lado, toda expressão religiosa comunicada na rede, também conhece mudanças nas formas de experimentar a fé a partir dessa nova ambiência: a descontextualização, a espetacularização, a transposição e desintermediação são alguns exemplos disso.

A facilidade em acessar um dado religioso permite que dados sejam acolhidos fora do contexto da comunidade crente, sem aprofundar o sentido no qual determinada experiência de fé nasceu, cresce e se desenvolve. A mensagem religiosa é retirada do seu ambiente natural, que é justamente aquele das práticas religiosas, e passa a ser veiculada em diversos espaços da internet. Nessa descontextualização, a fantasia e a imaginação podem criar uma idealização do conteúdo mediatizado e adaptá-lo ao gosto do internauta. Vive-se a fé sem pertença comunitária. Na liberdade da sociedade moderna e na possibilidade de múltiplas escolhas, há quem entre numa espécie de “supermercado de transcendência”, para escolher um “produto” que cause certo bem-estar. Alguns entendem que essa é a religiosidade mais característica da era digital, pois as redes permitem acessar as mais diversas orientações religiosas com a possibilidade de o internauta interagir, se quiser, com todas, sem manter com elas nenhum vínculo de fidelização.

A espetacularização ocorre quando a mídia, sempre interessada na novidade e na surpresa, favorece a produção do espetáculo da fé. Mais importante do que comunicar o testemunho do fiel, é necessário provocar emoções e sensações que atraiam o internauta. Essa é mais uma relação ambivalente entre mídia e religiosidade. Marcado pelo pensamento técnico, o internauta é induzido a comportamentos que tendem à “magia” da tecnologia para salvar o cotidiano.

Mesmo que se desconheça o funcionamento dos equipamentos utilizados, espera-se que todos eles funcionem com o acionar de um botão. Essa visão pragmática e até fantasiosa da realidade é transferida para o âmbito do religioso.

Para muitos, assim como uma ferramenta de busca na internet resolve quase tudo sobre informação e conhecimento, deverá haver alguma prática religiosa que solucione o problema que a pessoa enfrenta. A compreensão mágica da realidade não é idêntica à religiosa, mas lhe é próxima. Para alguns, a fé é prevalentemente o âmbito do milagre, do extraordinário e do inusitado. A espetacularização da fé seria a tentativa de produzir esteticamente a sensação de que o sobrenatural pode ser visto e comunicado pelas mídias. Muitas linguagens podem criar relacionamentos simbólicos que não comunicam o fundamento do ser humano, mas sua caricatura. Quando se trata de comunicar a fé, a linguagem e os símbolos podem tanto enlevar o ser humano ao encontro consigo mesmo e com Deus quanto aprisioná-lo numa experiência narcísica incapaz de dar sentido à existência. Isso ocorre quando se estabelece uma comunicação religiosa fetichista.

A transposição é um fenômeno que comporta a oscilação entre as características da esfera religiosa e aquelas da realidade midiática. Trata-se de um fenômeno de dupla dependência que se traduz em práticas de aceitabilidade e de adequação. (BOURLLOT, 2009, p.915). Na aceitabilidade percebe-se a plena integração dos conteúdos religiosos na ambiência digital. Dessa forma, graças à internet e televisão, por exemplo, pode-se abençoar, adorar e rezar. Essas são práticas que se originaram e cresceram em comunidades de pessoas que se relacionam presencialmente pela sua fé. A adequação, por sua vez, remete ao contexto das mídias que deve ser o modelo para comunicar a mensagem religiosa. Por exemplo, o silêncio e a imagem estática não são muito adequados para as mídias. É preciso que o som e a imagem estejam de acordo com a linguagem adequada da internet. Ora, uma adoração ao Santíssimo Sacramento, por exemplo, supõe silêncio, pois o cessar das palavras não interrompe a comunicação religiosa, pelo contrário, no caso da contemplação, potencializa. Entretanto, para adequar-se

à linguagem midiática, o culto religioso faz a concessão de interromper o silêncio e variar as imagens religiosas durante a oração. Cabe, nestes casos, o questionamento, até que ponto essa adequação não afeta a experiência religiosa? Não nos detemos nessa abordagem, devido à delimitação deste artigo, mas consideramos de grande importância afrontar essa problemática.³

O termo *desintermediação* é muito utilizado na área de gestão e pode ser entendido como um processo que visa a aproximar a empresa do cliente final, eliminando os intermediários. Muitos a consideram uma evolução porque encurta o tempo e reduz o envolvimento de pessoas no atendimento direto às necessidades do cliente, ou consumidor. No âmbito religioso, a desintermediação significa encontrar um “atalho” que dispense instituições, templos, líderes religiosos, ou mesmo crenças e normas, no relacionamento com o sagrado. Na era de acesso direto às informações, é possível, também, romper com os intermediários da religião e procurar diretamente o que se deseja. O ser humano, pela técnica, pode resolver muitas das suas dificuldades sem a necessidade de recorrer à intervenção divina para resolver problemas de alimentação, agricultura, abastecimento de água, saúde, etc. (GALIMBERTI, 2005, p. 557-570).

Essa nova situação favorece uma nova relação com Deus e com o próprio corpo humano. O ser humano, pela capacidade tecnológica, corre o risco de decretar uma grande independência da relação com Deus. Essa mentalidade influencia para que surja um desinteresse pela necessidade de buscar Deus na vida. A presença do sagrado, na vida humana, corre o risco de ir desaparecendo, desencantando e sendo substituída pelas promessas e atrativos tecnológicos. Em relação ao corpo, a evolução da técnica promete rapidez e cura para restaurar a saúde das pessoas. O avanço possibilita que o ser humano tenha sensação de ser detentor do poder de salvação que antes era atribuído só a Deus. Esse projeto humano substitui o Reino de Deus pelo reino do humano, que busca a imortalidade

³ Sobre essa temática pode-se conferir o artigo: BRUSTOLIN, L. A. A Eucaristia na era digital: a questão da presença e da participação. *Teocomunicação* (Online), v. 42, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 322-342.

em outro sentido não transcendente, pois pretende um mundo novo e pretere a ação de Deus ao exaltar a ação tecnológica. A desintermediação proporciona uma sensação de que a própria pessoa é gestora autônoma e livre de todas as suas relações.

Esse senso religioso baseia-se num *self-service* da fé midiaticizada, caracterizado pela mais elevada possibilidade do fiel de interagir livremente e produzir uma grande rede de significados com símbolos, ritos e crenças. Diante dessa “bricolagem”, isto é, dessa montagem religiosa feita por qualquer pessoa, que descarta o sentido do sistema de crenças reconhecido social e historicamente, emerge, sempre mais, uma experiência religiosa difusa e indefinível. Ainda não se sabe o futuro dessa religiosidade desintermediada, mas o certo é que as gerações mais jovens são altamente influenciadas pela nova cultura religiosa, especialmente pela sua interatividade.

Essa desintermediação é verificada especialmente com o surgimento da *ciber-religião*. É um conceito ainda em construção, inserida no contexto da cibercultura, mas se refere principalmente à religião construída totalmente na internet. É diferente de uma paróquia que posta suas atividades e informações no *site*. Trata-se de uma religião sem território, sem comunidade física, totalmente virtual. A *ciber-religião* atrai pela sua falta de burocracia, pela ausência de leis e preceitos e pela transmissão da sacralidade e da experiência religiosa. Evidentemente, ela recebe críticas, como uma espécie de religião sem Deus, sem transcendência, em que existe a sacralidade da tecnologia e não da divindade em si. Atende, contudo, às demandas das novas gerações pela ausência de estrutura da religião, pela falta de vínculos e exigências religiosas. (SOUZA, 2014, p. 81-84). É uma religiosidade sem religião e mais individual.

A desintermediação afeta diretamente o papel da comunidade de fé como mediadora da experiência religiosa do fiel. O Papa Francisco alerta que a crise do sentido comunitário tem causas profundas: “numa cultura onde cada um pretende

ser portador duma verdade subjetiva própria, torna-se difícil que os cidadãos queiram inserir-se num projeto comum que vai além dos benefícios e desejos pessoais”.(EG,n.61) Muitas comunidades cristãs não perceberam o enfraquecimento da dimensão comunitária de suas práticas religiosas. Sem a pertinência eclesial, cresceu uma religiosidade individualista, mais atenta ao que é exterior, imediato, visível, rápido, superficial e provisório. O real cedeu lugar à aparência, assim, também na comunidade física constatam-se crises de relacionamentos marcados por anonimato, solidão e desencontros. As novas mídias não podem ser condenadas por essa crise.

3 Novas perspectivas para comunicar a fé

Devido às novas tecnologias, a comunidade cristã mudou radicalmente seu horizonte de compreensão. Alguém até pode sustentar que, depois da escrita, nada foi tão revolucionário, dentre as invenções humanas, quanto a internet. A experiência religiosa também foi atingida por essa realidade. Os meios tradicionais de comunicar a religião: livros, cartilhas, folders, cartazes, revistas, rádio e televisão eram bem delimitados. Permitiam identificar claramente a linha e a orientação da confissão religiosa diante da oferta comunicativa. Hoje, entretanto, com as novas possibilidades de interatividade, essa comunicação sofre mutações. O internauta não apenas lê, escuta e vê o que é anunciado; ele questiona e quer respostas. Não basta informar e propor, é preciso interagir.

As comunidades discutem, via internet, estilos de vida, testemunhos pessoais, experiências vividas, ideias e hábitos alimentares, além de orações, mantras e técnicas de meditação. Tudo é colocado sobre a mesa, ou melhor, na tela, para que a discussão e a negociação sejam curtidas, ou não, compartilhadas com entusiasmo ou criticadas. Tudo favorece a construção de múltiplos significados intersubjetivos que não podem, por si mesmos, adquirir um valor absoluto. A comunidade presencial é insubstituível, pois é essencialmente mediadora de todos os bens e valores religiosos que constituem a vida cristã. O Concílio Vaticano II

destacou a importância da comunidade de fé a partir de uma eclesiologia caracterizada como “comunhão” e “Povo de Deus” (*Lumen Gentium*, n.9). A Igreja é comunhão de pessoas que derivam da comunhão trinitária e nela se refletem (*Aetatis Novae*, n.10). Essa comunhão é comunicação de pessoas e, por isso, a comunidade deve fazer resplandecer a beleza de uma vida comunitária onde não se partilham apenas bens, mas também dons e experiências.

Os processos comunitários são basicamente relações de comunicação que se estabelecem entre diferentes membros. O termo comunicação deriva do adjetivo latino *communis*, que baseia-se no verbo *communicare*, isto é, comunicar, colocar em comum. Há também influência do grego antigo com o termo *koinonia*, absorvido em latim por *communio*, designando comunidade. Em sua gênese, portanto, percebe-se a estreita relação imbricada entre os conceitos de comunicação e de comunidade. Troca, intercâmbio e conddivisão é a raiz comum.

Na comunidade se celebra, se tomam decisões em conjunto, se forma a consciência crítica e se vive a caridade e a missão para além dos limites do grupo comunitário. Nesse sentido, a Instrução pastoral *Aetatis Novae* (AN) do Pontifício Conselho das Comunicações sociais, reconhece que “a experiência humana como tal se tornou uma experiência vivida através dos meios de comunicação social”. (AN, n.2) Ora, a mensagem cristã fundamenta-se na Encarnação do Verbo, Deus de fez carne e tudo que é humano passa a ser iluminado por Cristo para que a redenção atinja toda humanidade. O Magistério da Igreja, portanto, sustenta que as novas mídias são necessárias para difundir a fé cristã, sendo necessário integrar a mensagem nesta nova cultura. (*Redemptoris Missio*, n.37).

Por isso, é importante evitar pré-conceitos. Por exemplo, a defesa da ideia de substituição, segundo a qual o novo modo de comunicação suplantaria até extinguiria a dimensão presencial da fé. Pierre Lévy alerta, que a fotografia não substituiu a pintura, tampouco o cinema superou o teatro, nem a televisão aboliu o cinema. Toda comunicação pelas redes sociais não substituiu as reuniões físicas, os

colóquios e os encontros. “A imagem do homem terminal cujo espaço foi abolido, imóvel, grudado à sua tela, não é mais do que um fantasma ditado pelo medo e pela incompreensão dos fenômenos em andamento de desterritorialização, de universalização e de aumento geral das relações e contatos de todos os tipos”. (LÉVY, 1999, p. 214)

O espaço cibernético não substitui a comunidade onde se realizam as relações interpessoais. Tampouco elimina o sentimento de pertença, vínculo afetivo e efetivo do fiel a determinada comunidade que é a expressão concreta da Igreja. Nela, todos professam a mesma fé, mantêm vínculo de pertença pelo Batismo, seguem os mesmos ensinamentos do Evangelho, praticam a comensalidade da mesa eucarística, praticam a caridade como identidade de sua fé e esperam a realização das promessas do Reino de Deus.

Toda essa realidade de seguimento e sacramento, contudo, não é incompatível com a comunicação digital. Esta pode completar e expandir o anúncio da fé, atraindo pessoas afastadas ou indiferentes ao Evangelho. As novas mídias possibilitam enriquecer a vida religiosa dos seus usuários e direcioná-los a uma experiência mais integral da vida de fé na comunidade. Muitas vezes, apenas pela internet, pode-se aproximar daqueles que somente se deixam encontrar por essa nova ambiência. O desafio não está em usar essas novas possibilidades de comunicação, mas na proposta que se oferece no espaço cibernético. Não basta veicular imagens sagradas ou belas mensagens. Diante do “oceano” de informações que são acessíveis pelas redes, somente uma comunicação vivencial e testemunhal terá força de despertar interesse a atrair internautas para conhecer a fé que se comunica pela internet. Ausentar-se desses meios é impensável para uma religião que pretenda propagar suas crenças e valores. Manter a identidade e a fidelidade do Cristianismo, sem cair na espetacularização ou descontextualização da fé, é um desafio que permanece.

Conclusão

Atualmente, se progride no caminho de superação de uma comunicação unidirecional e centralizada. É urgente escutar os sinais dos tempos que remetem ao cultivo da pluralidade e promover a interatividade que permite uma melhor participação dos fiéis na comunidade de fé. Isso implicará suplantar todo fundamentalismo que nasce e se alimenta de tentativas de discórdia e violência e que remete ao compromisso social com toda a humanidade.

É preciso continuar na estrada aberta pelo Concílio Vaticano II que sugeriu uma relação mais participativa de toda a comunidade eclesial. O ser humano está fortemente marcado pela cultura cibernética, e a Igreja, para quem nada do que é humano lhe é estranho, precisa estar, cada vez mais, próxima desse meio. A rede está modificando o modo de viver e interpretar a realidade, alterando os relacionamentos e a comunicação com o mistério. Impõe-se navegar no mundo digital conectados com uma cultura da proximidade e da amizade. Há um fluxo enorme de informações e, como em todas as áreas, há muito conhecimento e pouco fundamento. Quem navega nem sempre tem condições de avaliar e interpretar o que acessa. Aqui se encontra a chance para testemunhar e viver uma fé capaz de dar sentido à vida e propor uma ética que respeite a alteridade numa profunda *conexão* com Deus.

A grande questão religiosa hoje posta não está tanto nos meios, mas nos interlocutores. Quando se faz referência a novos meios de comunicação, não se está tratando apenas de novas tecnologias, mas também de novas linguagens e de uma nova ambiência da fé. São Paulo não dispunha dos meios rápidos e ágeis da atualidade, entretanto, ele sabia *o quê* e *como* comunicar. Apesar dos desafios, pode-se sustentar que há chances para o Evangelho nesta era da desintermediação, porque as pessoas continuam procurando a felicidade, a gratuidade e a alteridade e o sentido da vida, sustentadas na ética.

Percebe-se, então, que não se trata apenas de entender, interpretar e utilizar as novas linguagens virtuais que as novas tecnologias da informação oferecem. Não basta conhecer os recursos para poder comunicar a religião na rede. É preciso aprofundar a relação entre a fé, a história e as mudanças que o ser humano está vivendo. A comunicação é nova, porém os critérios da fé não o são. Cristãos de outros tempos também foram provocados a comunicar o mistério do Deus que se fez carne e comunicou a mensagem divina em linguagem humana. Hoje, a cultura digital coloca novos desafios para a comunicação da fé e da religião. Expressar a linguagem simbólica que comunique a transcendência é uma tarefa importante para que o ser humano contemporâneo não se perca na rede e nem se torne ensimesmado, incapaz de vislumbrar o horizonte de sentido que somente o sagrado lhe pode oferecer.

Quem está na rede procura relações, quer encontrar-se. Há riscos de alienação e isolamento, mas, no fundo, o ser humano precisa de proximidade e encontros. Parece que este desafio pastoral não está apenas na rede, também as comunidades presenciais estão provocadas à conversão, para que o estilo de vida que sustentam seja mais misericordioso, inclusivo, afetuoso e coerente. Real ou digital, a comunicação sempre é relação.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

BENTO XVI. **O sacerdote e a pastoral no mundo digital**: os novos media a serviço da Palavra. São Paulo: Paulinas, 2010.

BENTO XVI. **Verdade, anúncio e autenticidade de vida na era digital**. São Paulo: Paulinas, 2011.

BOURLLOT, Alberto. Il religioso dei media in VIGANÓ, Dario. **Dizionario della Comunicazione**. Roma: Carocci, 2009.

- BRUSTOLIN, Leomar. **50 anos do Concílio Vaticano II: recepção e interpretação**. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.
- CASSETTI, Francesco. **Teoria del cinema 1945-1990**. Milano: Bompiani, 1993.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium***. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção Documentos da Igreja).
- CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes***. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção Documentos da Igreja).
- CONCÍLIO VATICANO II. **Declaração *Nostra Aetate***. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção Documentos da Igreja).
- CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto *Inter Mirifica***. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção Documentos da Igreja).
- FELICE, Massimo di (or). **Do Público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2008.
- GALIMBERTI, Umberto. **Psiche e techne: o homem na idade da técnica**. São Paulo: Paulus, 2005.
- GALLAGER, Michael Paul. **El Evangelio en la cultura actual: un frescor che sorprende**. Milano: Sal Terrae, 2014.
- HABERMAS, Jürgen. **Nachmetaphysisches Denken II**. Berlim: Suhrkamp, 2012.
- JOÃO PAULO II. Carta Encíclica **Redemptoris Missio**. A validade permanente do mandato missionário. São Paulo: Paulinas, 1993.
- LÉVY, Pierre. **A máquina universo: criação, cognição e cultura informática**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Lisboa: Relógio-D'Água, 1989.
- MAZZA, Giuseppe; PEREGO, Giacomo. **Bibbia e comunicazione: approfondire la Parola in ascolto dell'uomo contemporaneo**. Milano: San Paolo, 2007.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. São Paulo: Instituto Piaget, 1990.
- PACE, Enzo. **La comunicazione invisibile: le religioni in internet**. Milano: San Paolo, 2013.

PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2013.

PAPA FRANCISCO. **Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro**. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2014.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. **Instrução Pastoral Aetatis Novae**: sobre as comunicações sociais no vigésimo aniversário de Communio et Progressio. São Paulo: Paulinas, 1992.

SOUZA, Carlos Eduardo A. Da ciber-religião para a ciber-religiosidade. In: SILVEIRA, Emerson Sena da; AVELLAR, Valter (org.). **Espiritualidade e sagrado no mundo cibernético**. São Paulo: Loyola, 2014.

SPADARO, Antonio. **Ciberteologia**: pensar o Cristianismo em tempos de rede. São Paulo: Paulinas, 2012.

TAYLOR, Charles. **A secular age**. Cambridge: Belknap Press, 2007.

VIGANÓ, Dario. **La chiesa nel tempo dei media**. Roma: OCD, 2008.